

ALBERTO OLIVEIRA PINTO

CABINDA E AS CONSTRUÇÕES DA SUA HISTÓRIA 1783-1887,
DINALIVRO, LISBOA, 2006 (COL. OLHAR A HISTÓRIA).

Eduardo Medeiros

Pág. 339 a 340

Cabinda e as construções da sua História, 1783-1887 é a versão em livro da dissertação de Mestrado que o autor defendeu na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Apresenta seis capítulos, uma pequena Introdução e uma breve Conclusão. O Prefácio é de Alfredo Margarido e Isabel Castro Henriques. O primeiro capítulo (pp. 36-96) é genérico, trata da colonização, colonialismo e anticolonialismo em Angola, incluindo Cabinda. É nos capítulos II, III, e IV que se problematiza a História do *Enclave*, primeiro no contexto colonial português, depois na perspectiva de “filhos do país”, e, por último, o quarto, trata da *História de Cabinda* numa reconstrução do autor. É portanto um trabalho que contempla um longo período, 1783-1887, com raízes na época mercantilista anterior ao escravagismo dominante. O período considerado propriamente dito é o da época do tráfico negreiro “legal” e “clandestino”, e dos anos da conquista colonial portuguesa. O autor procurou, com sucesso, reflectir cada momento da história local no contexto da história do Atlântico Sul, de Angola, Portugal e do Brasil. Fundamentou a sua pesquisa nas fontes escritas portuguesas e cabindenses, procurando fazer uma nova leitura das tradições orais já registadas e publicadas, chamando a atenção para a obra pioneira de Carlos Moreira Henriques Serrano. Mesmo não tendo tido a oportunidade de fazer trabalho de campo, e desta feita um novo estudo histórico e antropológico da oralidade Cabindense, Alberto Oliveira Pinto devolve-nos singularmente o traço fundamental da cultura dos Cabindas face ao mundo exterior, e demonstra como as novas estruturas políticas das “linhagens novas” na época do escravismo, renovaram as antigas, mostrando como ambas essas estruturas políticas, sociais e económicas tiveram a capacidade de gerir a produção e o comércio da região com outros povos africanos

e com os europeus desde o século XVI, construindo e mantendo a sua identidade.

Como noutras regiões do litoral atlântico africano, em particular no Golfo da Guiné e zonas vizinhas, onde incluo Cabinda, constituíram-se “novas linhagens” para a intermediação do tráfico com os negreiros europeus e americanos. Essas novas linhagens deram origem ali a reinos e outras estruturas políticas chefais que refizeram de algum modo as estruturas preexistentes, procurando novas hegemonias para as relações com o mundo exterior, tanto o mediado pelo Atlântico como o continental. O mesmo se passou em Cabinda, com a chamada *Regência* das “novas linhagens” que substituiu a antiga instituição real de Mangoio (de controlo do comércio local e continental). Tratava-se de um consulado na costa resultante do desenvolvimento do comércio marítimo, sobretudo esclavagista, mas não só, incluindo da construção naval. Esta mediação de longa duração que se prolongou com os portugueses no tráfico clandestino, para além pois do término do tráfico legal negreiro, só terminaria com a conquista colonial após a Conferência de Berlim (1884-1885), em 1887. Esta longa duração de interesses salvaguardados permitiram manter viva uma identidade própria, mesmo (ou sobretudo) na diáspora.

Não se querendo envolver na discussão política sobre o estatuto de Cabinda hoje face a Angola, Alberto Oliveira Pinto mostra quão singular é a história do território e que os políticos não podem ignorar.